

Capa



→ Edição do Mês

INTELIGÊNCIA ESPIRITUAL: A IMPORTÂNCIA DO SENTIDO

por Revista Vencer! (Edição Nº 34)

- Home
- Capa
- Frente de Batalha
- Ambição
- Vencendo na Comunicação
- Isso Mudou Faz Tempo
- Toque Empreendedor
- Mire no Alvo
- Atitude Empreendedora
- VenceRH



Nas Bancas

→ Comunidade

- Quero me cadastrar !
- Fórum
- Chat
- Newsletter

Assine Vencer! (via internet)
ou
(11) 3284-3054

REVISTA **vencer!**

- Leia Online
- Edições Anteriores
- E-Artigos
- Artigos dos Leitores
- Quem Somos
- Anuncie na Vencer!
- Fale Conosco

Quem está em busca de desenvolvimento, em suas incursões, freqüentemente depara-se com afirmações do tipo "é preciso ter um propósito na vida", "os grandes vencedores eram munidos de grande força interior", "saiba identificar sinais", "disponibilize-se para receber os insights"... Mas o que quer dizer tudo isto? O que está por trás destas afirmações?

É a **Inteligência Espiritual**. No complexo mundo em que vivemos - de contradições e paradoxos -, esta inteligência é a mais capacitada e indicada para entrar em ação. Ela é a fonte do bom senso, do equilíbrio, da mansidão, do nível máximo da lucidez. O rabino Nilton Bonder, autor do livro "Fronteiras da Espiritualidade" (Editora Campus), explica o que é esta Inteligência e a sua importância para o homem de todos os tempos.

VENCER! - O que é a Inteligência Espiritual?

Nilton Bonder - A Inteligência Espiritual é construída da percepção humana de que o todo é maior do que a soma das partes. Ela reconhece que os processos racionais de análise não dão conta inteiramente da realidade. Para compreender a estrutura maior da realidade é necessária uma análise de nossas próprias compreensões. Estas nos oferecem intuições ou sentidos. A "análise" dessas intuições, por sua vez, produz crenças. Essas crenças são fundamentais tanto para a motivação quanto para a eficiência humana.

A percepção desta forma de inteligência é tão antiga quanto a memória de nossa história. Em todos os grupos humanos vamos encontrar crenças como parte de sua sabedoria ou até mesmo de sua "ciência". Duas tradições em particular tentaram tratar sua crença como uma forma de inteligência e estudá-las: a grega e a judaica. A grega produziu mitos que continham, além de historinhas, "verdades" que só podiam ser transmitidas por essa via subjetiva da mitologia. A judaica foi, no entanto, a matriz, para o Ocidente, da tentativa de tornar sua crença seja num Deus único, seja em sua revelação, numa matéria passível de estudo e com um tratamento de "inteligência".

VENCER! - A Inteligência Espiritual é inerente a todas as pessoas? É possível ser aprendida? É possível alguém que não seja capaz de crer, aprender a ter uma crença?

Nilton Bonder - Ela é inerente a todos. Na verdade, não há formação ou amadurecimento humano que não se construa a partir de crenças. Elas cobrem os vazios que a racionalidade não consegue dar conta. Há grande influência do psiquismo sobre as crenças e, por isso, muitas vezes, a espiritualidade é confundida com o desejo mágico ou com a tentativa de converter a realidade naquilo que queremos dela, o que em inglês se chama wishfull thinking. Este tipo de crença utilitária às emoções não é uma forma de inteligência, ao contrário, é uma forma de obscurantismo e pode ser muito destrutiva. Em meu livro Fronteiras da Inteligência trato desta proximidade, esta fronteira entre a Inteligência Espiritual e a estupidez completa. A verdadeira Inteligência Espiritual se baseia não no controle da realidade, desejo maior da racionalidade, mas na entrega e aceitação de certos fluxos, certas verdades que norteiam a realidade. Para que a Inteligência Espiritual seja ensinada é necessária uma medida de reverência, de aceitação, e uma medida de independência, questionamento. Há famílias que sabem produzir este ensinamento, há escolas, exemplos pessoais, religiões e disciplinas que também produzem esta Inteligência. Mas o elemento mais importante é a própria vivência e a profundidade de uma pessoa. Por profundidade não quero dizer QI, mas a capacidade de viver sua vida indo às profundezas da coerência e da sinceridade. O meu material de ensino é apenas uma motivação, uma tentativa de legitimar a Inteligência Espiritual que cada um já possui. Faço isso mostrando às pessoas a eficiência de seus sentidos, que muitas vezes são contra-sensos, mas que melhor respondem à realidade. São exercícios apenas. O quanto cada um é capaz de internalizar a partir deles vai depender de cada indivíduo. Como com a inteligência racional: exercícios são propostos, mas o quanto eles se tornam conhecimento e sabedoria, é outra história.

VENCER! - Como funcionam os diversos graus de Inteligência Espiritual entre as pessoas? Por exemplo: as diferenças entre os religiosos, crentes, pessoas praticamente sem crenças ou ateus.

Nilton Bonder - Ser padre, rabino ou pastor nada tem a ver com Inteligência Espiritual. Esses sacerdotes podem muitas vezes funcionar em um lugar de profunda ignorância, lembrando que esta é fronteira com a Inteligência Espiritual. Mesmo o ateu pode possuir muito mais IE do que admitiria. Aqui está em jogo uma questão de "propósito", de "direção" absolutamente sincera. Conta-se que um rabino foi convidado a participar de um jejum coletivo com o intuito de encerrar um longo período de secas. O rabino não compareceu ao encontro. Quando lhe questionaram se iria participar do jejum, ele foi à janela e disse: "não vou participar. Veja todos os que vão ao encontro. Nenhum deles está levando guarda-chuvas". O rabino define bem desta maneira a ignorância da IE. A ignorância é a crença mágica, a IE é um senso tão profundo de propósito que consegue, aos olhos da racionalidade, produzir o impossível e o milagroso.

VENCER! - Esta inteligência é fundamental nos dias de hoje. Como ela pode contribuir nestes tempos?

Nilton Bonder - Essa inteligência sempre foi fundamental. Hoje, no entanto, dispomos de tantos recursos intelectuais criados pela melhor compreensão do psiquismo, e há tanta disseminação das sabedorias espirituais do Oriente e Ocidente, que podemos tratar essa inteligência em termos e em linguagem distinta da linguagem exclusivamente religiosa. Ou seja, as religiões, apesar de serem um meio riquíssimo de passagem de ensinamentos sobre IE, não têm mais exclusividade na matéria. Daí revistas, empresas e governos - todos instrumentos da objetividade - se interessarem por essa inteligência subjetiva.